

**FAZENDO GÊNERO NO CHÃO
DA ESCOLA: REFLEXÕES A
PARTIR DO EDP GÊNERO,
SEXUALIDADE E
DIVERSIDADE NA ESCOLA,
NO X FALA PROFESSOR(A)**

*CONSTRUCTION GENDERED ON
THE SCHOOL FLOOR:
REFLECTIONS FROM EDP
GENDER, SEXUALITY AND
DIVERSITY IN SCHOOL, AT THE X
FALA PROFESSOR(A)*

*CONSTRUYENDO GÉNERO EN EL
ÁMBITO DE LA ESCUELA:
REFLEXIONES DESDE EL EDP
GÉNERO, SEXUALIDAD Y
DIVERSIDAD EN LA ESCUELA, EN
EL X FALA PROFESSOR(A)*

RUSVÊNIA LUIZA BATISTA RODRIGUES DA
SILVA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
E-MAIL: RUSVENIA_SILVA@UFG.BR

MARIANA RABÊLO VALENÇA
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
E-MAIL: MARIANA.VALENCA@UPE.BR

PEDRO ISRAEL MOTA PINTO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
E-MAIL: PEDROMOTA777@GMAIL.COM

Resumo:

Este artigo tem como objetivo discutir as questões tratadas no Espaço de Diálogo e Prática (EDP) "Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola", durante o X Encontro Nacional de Ensino de Geografia - Fala Professor(a), em Fortaleza, Ceará, em julho de 2023. Foram apresentados nove trabalhos, por doze pessoas que trataram da necessidade de fortalecer nacionalmente os espaços de troca e ações coletivas acerca das questões de gênero e sexualidade, sobretudo no âmbito escolar. Esta discussão não apenas destaca a relevância, mas também demonstra a viabilidade de incorporar essas questões no currículo escolar. As experiências apresentadas no EDP reforçam a ideia de que esses assuntos são inerentes a vida cotidiana e, portanto, devem ser incorporados nas escolas como medida para combater desigualdades. A promoção de uma educação não sexista representa compromisso com a mudança e é uma ferramenta de caráter social e político.

Palavras-chave: Geografia, Gênero, Sexualidade, Diversidade, Escola.

Abstract:

This article aims to discuss the issues addressed in the Space for Dialogue and Practice (EDP) "Gender, Sexuality, and Diversity in School" during the X Encontro Nacional de Ensino de Geografia - Fala Professor(a), in Fortaleza, Ceará, in July 2023. Nine papers were presented by twelve individuals who addressed the need to strengthen national spaces for exchange and collective actions regarding gender and sexuality issues, particularly within the school context. This discussion not only highlights the relevance but also demonstrates the feasibility of incorporating these issues into the school curriculum. The experiences presented reinforce the idea that these subjects are inherent to everyday life and, therefore, should be integrated into schools as a measure to combat inequalities. The promotion of a non-sexist education represents a commitment to change and is a tool of a social and political nature.

Keywords: Geography, Gender, Sexuality, Diversity, School.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo discutir las cuestiones abordadas en el Espacio de Diálogo y Práctica (EDP) "Género, Sexualidad y Diversidad en la Escuela", durante el X Encontro Nacional de Ensino de Geografia - Fala Professor(a), en Fortaleza, Ceará, en julio de 2023. Se presentaron nueve trabajos por doce personas que abordaron la necesidad de fortalecer a nivel nacional los espacios de intercambio y acciones colectivas sobre cuestiones de género y sexualidad, especialmente en el ámbito escolar. Esta discusión no solo destaca la relevancia, sino que también demuestra la viabilidad de incorporar estas cuestiones en el currículo escolar. Las experiencias presentadas refuerzan la idea de que estos temas son inherentes a la vida cotidiana y, por lo tanto, deben incorporarse en las escuelas como medida para combatir las desigualdades. La promoción de una educación no sexista representa compromiso con el cambio y es una herramienta de carácter social y político.

Palabras clave: Geografía, Género, Sexualidad, Diversidad, Escuela.

Introdução ou do chão que pisamos, do lugar que falamos

Os eventos acadêmicos são momentos de encontros, espaços consagrados de troca de saberes produzidos, ideias e experiências, de cabeças que pensam de muitos lugares distintos. Após um período de pandemia experimentamos formatos de eventos científicos que nem sempre foram profícuos. Percebemos que os eventos virtuais, embora tenham sido uma solução necessária, nem sempre proporcionam o mesmo nível de interação experimentadas em encontros presenciais. A distância, que se impôs como medida sanitária, deixou uma sensação de saudade, potencializando os (re)encontros.

Foi nesse contexto que as trajetórias das três pessoas que aqui escrevem se cruzaram, no X Encontro Nacional de Ensino de Geografia - Fala Professor(a), por meio da Geografia, do seu ensino e dos percursos acadêmicos e profissionais, que abordam as questões de gênero e sexualidade na sua relação com o espaço geográfico e com a escola.

Antes de qualquer coisa, é importante destacarmos que a discussão trazida neste artigo tem nomes e sobrenomes. Nosso ponto de partida não é apenas sobre nossas experiências individuais, mas sobre aspectos mais amplos de uma sociedade estruturada no patriarcado, no machismo, no racismo, no sexismo, ou seja, uma sociedade pautada na desigualdade de poder, que hierarquiza seres humanos, colocando determinados grupos em condições de inferioridade e silenciamento. Isso reflete diretamente na produção intelectual e no desenvolvimento das ciências, manifestando-se concretamente no ambiente escolar. E, claro, esse cenário também se reflete no campo da Geografia.

Nesse contexto, torna-se fundamental considerar as dimensões de gênero, sexualidade e diversidade como elementos cruciais na forma como experienciamos o espaço, permeando nossas práticas docentes e pesquisas. Dessa forma, nossos lugares de fala, ao invés de nos definirem, auxiliam a situar nossos contextos discursivos. Segundo Djamila Ribeiro (2017), o 'lugar de fala' reconhece que as experiências de uma pessoa moldam sua compreensão de mundo e sua capacidade de abordar temas, especialmente quando tratamos de grupos historicamente oprimidos e subalternizados.

Aqui, somos duas mulheres mães, imersas no trabalho da reprodução social, dedicando grande parte do tempo aos cuidados e à sobrevivência de outros seres humanos, incluindo os trabalhos domésticos; e um homem cis não heteronormativo, amazônida, periférico, bissexual e branco, das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte.

Dito isto, este artigo tem por objetivo analisar e discutir as questões tratadas no Espaço de Diálogo e Prática (EDP) “Gênero, sexualidade e diversidade na escola”, dentro do X Fala Professor(a), que ocorreu em Fortaleza, Ceará, de 17 a 22 de julho de 2023, nas dependências da Universidade Estadual do Ceará, Campus Itaperi. O evento trouxe novidades¹ que merecem ser destacadas, sob a perspectiva da análise que pretendemos fazer aqui.

O EDP teve nove trabalhos e contou com a participação de doze pessoas, entre docentes de ensino superior e da educação básica,

¹ Uma das novidades foi a Ciranda Geográfica, espaço com atividades lúdicas, a partir do segundo dia, conduzidas por profissionais e estudantes de Geografia, Pedagogia e áreas afins, para receber filhas/os (de 4 a 11 anos) de participantes do evento.

estudantes-pesquisadoras/es de graduação e pós-graduação – uma delas estava com seus dois filhos presentes. Houve a socialização de suas pesquisas, trabalhos de extensão universitária e/ou práticas de ensino, que abordam o gênero e a sexualidade, na escola ou no ensino de Geografia.

No chão da escola, ocorre um jogo dialético, permeado por contradições, que envolve as construções sociais predominantes, as quais tendem a negar a diversidade e a existência de indivíduos com identidades plurais, manifestadas nos corpos e traduzidas nas experiências espaciais diferenciadas que podem ser observadas no dia a dia. Este chão às vezes é um piso frio e sem vida; mas sujeitos e sujeitas que estão ali podem lhes dar novos contornos, face às opressões da vida social, na produção espacial e territorial de seus corpos. Nesse cenário, surgem vozes, de todas as partes do Brasil, que buscam reconhecimento e resistem às opressões.

A escola, portanto, torna-se um território complexo e repleto de conflitos, reproduzindo as desigualdades e violências da sociedade, hierarquizando pessoas com base em características como sexo, gênero e sexualidade. No entanto, ao mesmo tempo, a escola também possui o potencial de ser o *locus* da transformação, lutando contra essas estruturas opressivas.

Este trabalho revela a importância de uma educação que não perpetue estereótipos de gênero, a fim de combater a violência que pode ocorrer dentro de instituições escolares, tendo como fundamento a análise das experiências apresentadas no EDP, a partir dos atravessamentos teóricos e metodológicos. Ficou evidente que as tensões que perpassam a discussão da sexualidade e do gênero não obedecem a especificidades regionais e ecoam por todo o Brasil:

havia uma voz uníssona na sala G5, do Campus do Itaperi, da Universidade Estadual do Ceará. Nada melhor para soltar a voz do que estar no Fala Professor(a). Então, falamos.

O texto está dividido em duas seções, além desta introdução e das considerações finais: uma de natureza teórico-conceitual, cujo objetivo é examinar a escola como um território permeado pela cisheteronormatividade; e a segunda seção tem caráter político, pois traz os trabalhos e discussões do EDP, considerados como possibilidades de promover uma educação libertária e verdadeiramente inclusiva.

Atravessamentos do ensino no corpo dissidente: a escola como território cisheteronormativo

Tanto a família quanto a escola desempenham papéis fundamentais na socialização das crianças e podem contribuir para a reprodução das demarcações de "papéis sexuais" na formação da identidade social. Assim, a educação pode perpetuar a violência contra mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ e aprofundar as desigualdades no mercado de trabalho e na sociedade em geral.

Frequentemente, observam-se situações que delineiam o que é associado ao feminino e masculino, seja em atividades como jogos de bola, seja em comentários como "homem não chora" ou "uma mulher só se realiza ao ser mãe". Isso contribui para a criação ou intensificação de estereótipos de gênero, estabelecendo a expectativa de que as pessoas devem aderir a padrões de comportamento rigidamente definidos. Além disso, esses padrões reforçam a concepção de que a trajetória da vida deve necessariamente seguir o caminho da heterossexualidade (ALMEIDA, 2013).

Ao dizer "isso é coisa de menina" ou "mulher é assim", não apenas se justifica comportamentos com base em diferenças de gênero, mas também está instruindo a sociedade sobre como meninos/homens e meninas/mulheres devem se comportar, restringindo suas possibilidades de existência no mundo (LINS *et al.*, 2016). Esses estereótipos de gênero e a imposição da heteronormatividade não apenas discriminam, mas também excluem e oprimem pessoas com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero. A escola contribui para a produção e reforço dessas desigualdades e violências (LOURO, 1997).

Bortolini (2020) e Moreira (2020) traçam discussões acerca da presença do gênero e da sexualidade como possibilidades de educação, que pautasse a urgência de se observar as lacunas e adoecimentos que a “educação sexista, heterossexista e nociva” (BORTOLINI, 2020) nas escolas refletem em educandas e educandos, seja do ensino básico ou do superior, na vida social, profissional e pessoal.

Bartolini (2020) confronta a formação de professoras/es enquanto formadoras/es educacionais no que se refere às problemáticas do ensino ideológico de gênero que se encontram nas escolas desde os primórdios da construção da educação tradicional, isto é, uma ideologia que “produz uma escola transfóbica, que não só negligência a proteção de crianças e adolescentes, como é ela mesmo vetor de violência, discriminação e exclusão” (BORTOLINI, 2020, p. 29). O não encaixe em uma sociedade heteronormativa é um processo violento para estudantes que estejam passando por ansiedade e depressão, portanto, a escola torna-se assim um território excludente e de propícias violências.

Para Ahmed (2006), nossos corpos são marcados também pelas nossas orientações sexuais. Em outras palavras, de acordo com nossas performances sexuais (BUTLER, 2018), nos movimentamos geograficamente por zonas de segurança e zonas de perigo, conforme nos sentimos confortáveis ou não com dadas performances, modos de estar e ser em certos espaços. Nas escolas, todavia, não há uma “válvula de escape”. É necessário se introduzir no padrão normativo escolar, caso contrário, corpos dissidentes serão atravessados pela violência externa, do preconceito, da exclusão, do *bullying* ou da violência interna da repressão, e transposição de sentimentos à agressividade.

Paradoxalmente, as escolas, que deveriam ser lugares de conhecimento, muitas vezes, tornam locais de ocultamento quanto a sexualidade. Trata-se, para Louro (2019), da pedagogia da sexualidade e disciplinamento dos corpos, que acontecem de modo sutil, porém constante, nas escolas. Na verdade, a escola se revela como um território especialmente desafiador para que pessoas que se identificam sexualidades dissidentes possam se expressar abertamente.

Aquelas/es que desafiam as normas de gênero e os padrões da cisheteronormatividade são frequentemente marginalizadas/os e consideradas/os "corpos abjetos", ou que chamamos de corpos dissidentes que, conforme Butler (2019), são aqueles que não são reconhecidos plenamente como sujeitos, ou seja, são todas as pessoas que desafiam as expectativas da heterossexualidade dominante. A essas pessoas restam espaços socialmente inóspitos, às margens da vida social.

Sobre a construção foucaultiana, corroborada adiante por Raffestin (1993), todas as relações sociais estão acompanhadas de relações de poder, ou seja, é intrínseco à sociedade uma estruturação que seja passível de controle de ações e comportamentos, sendo então corrigidos através de punições radicais, perspicazes e constantes. Dentro de casa, ambiente onde a superioridade de líderes da residência se destaca em relação aos corpos com menos autoridade, inúmeros casos se manifestam entre homens gays que, ao expressarem traços de feminilidade, foram brutalmente forçados a modificar seus comportamentos, discursos e posicionamentos.

Do ponto de vista da Geografia, o conceito de território é uma construção que tem implicações políticas e simbólicas, representando uma porção do espaço que é apropriada, produzida e influenciada por relações de poder (RAFFESTIN, 1987). Como Santos (2002, p. 14) aponta, “o território usado é o chão mais a identidade [...] o território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

O território é, portanto, uma construção histórica moldada por lutas sociais, poderes, subjetividades e discursos. No contexto aqui abordado, estamos direcionando nossa atenção para o território escolar, isto é, a escola como um espaço permeado por um campo simbólico onde se travam lutas e se manifestam relações de poder, onde a vida cotidiana é vivenciada.

Os discursos que delineiam a sexualidade na sociedade ocidental são fundamentados em preceitos médicos, religiosos e morais. Esses discursos legitimam e naturalizam a heterossexualidade como o padrão aceitável, ao mesmo tempo em que rotulam qualquer expressão sexual ou afetiva que não esteja

alinhada com as normas de gênero como patológica, desviante, imoral ou pecaminosa. Tais narrativas estabeleceram e mantêm a predominância de uma matriz heterossexista no Ocidente, buscando controlar os corpos para que pensem, ajam, sintam e se expressem de acordo com as normas da cisheteronormatividade (TORRES, 2010).

No território escolar, esses discursos também alcançam aqueles que não se conformam com as expectativas tradicionais, tornando-os alvos de violência, zombarias e discriminação, uma vez que suas atitudes não se alinham com as normas convencionais (LOURO, 2019). A escola, como uma instituição social e disciplinar, impregnada de relações de poder, desempenha um papel na promoção da heterossexualidade compulsória, ou seja, como a única expressão legítima da sexualidade humana.

Indivíduos que são percebidos como distintos e não aderem a essa norma são forçados a adotar comportamentos que se alinham à heterossexualidade. Conseqüentemente, aqueles que não se conformam com o padrão predominante têm suas reivindicações de direitos negadas, uma vez que, de acordo com essa visão, apenas aqueles que se alinham ao padrão têm o direito de pleitear seus direitos (BENTO, 2011). Desse modo, pessoas que desafiam a cisheteronormatividade são marginalizadas, relegadas a espaços periféricos, silenciadas e excluídas em vários contextos sociais, incluindo o ambiente educacional (a escola), onde predominam o medo, a censura e a marginalização de suas identidades.

Como espaços de aplicação de agendas neoliberais, a escola tem o poder de reforçar o *status quo* ou de promover a sensibilização acerca da diversidade e das desigualdades sociais. Portanto, a

educação, quando silencia a pluralidade identitária, pode contribuir para a perpetuação das desigualdades de oportunidades com base em condições individuais. No entanto, é também a principal ferramenta para combater desigualdades, quando adota uma postura crítica que promove a compreensão da diversidade e das injustiças sociais, que é exatamente a discussão levantada no EDP do X Fala Professor(a). Assim, na próxima seção, a partir da leitura dos trabalhos apresentados no evento, tratamos de outra educação possível, não sexista, verdadeiramente transformadora, inclusiva, plural e democrática.

Sobre vozes que se encontram: os ecos das experiências

De maneira geral, as diversas ciências humanas e sociais, incluindo a Geografia, têm tradicionalmente abordado a sociedade de modo uniforme, desconsiderando suas complexas dinâmicas de gênero (SILVA, 2009 ; SANTOS *et. al.*, 2023). Ao longo da história, as relações de gênero têm funcionado de maneira desigual, contribuindo para a criação de estereótipos, hierarquias sociais e controle sobre cotidianos. As desigualdades de gênero são construções sociais e culturais que utilizam as diferenças para estabelecer hierarquias, implicando em acesso desigual ao poder e podendo levar a um aumento da violência, apesar da ampliação das medidas de combate em muitas partes do mundo (LAN, 2009).

Conforme Lan (2017), as relações de poder baseadas no gênero se manifestam e se consolidam no território, muitas vezes sob a influência da heteronormatividade. Corpos que não se encaixam no padrão considerado "normal" tornam-se mais suscetíveis à violência

e à exclusão cotidiana, dependendo das posições sociais e espaciais que ocupam. Assim, a decisão de assumir uma identidade sexual que não seja heterossexual é um ato político.

Portanto, desde o momento do nascimento, tanto o sexo quanto o gênero desempenham papel fundamental na maneira como uma pessoa se posiciona no mundo. Esses aspectos influenciam o curso de sua vida, afetando as oportunidades que terá, as experiências que vivenciará e os lugares que ocupará. Essa influência está profundamente enraizada nas condições espaço-temporais que moldam a sociedade (LAVINAS, 1997).

Tanto o sexo quanto o gênero são marcadores sociais poderosos que desempenham um papel significativo na construção da identidade e na forma como as pessoas se relacionam com o mundo. Essa construção social e cultural do que significa ser homem ou mulher se manifesta continuamente na vida cotidiana e transcende todas as camadas da sociedade, influenciando profundamente as práticas socioespaciais e as relações territoriais.

Silva e Ornat (2021) apontam que o espaço é simultaneamente conectado e desconectado, promovendo de forma desigual os fluxos de diversas naturezas, o que possibilita tanto a solidariedade quanto o aprofundamento das injustiças. Nesse contexto, nossas vozes trazem perspectivas e experiências únicas, cada uma carregando consigo uma narrativa moldada por fatores diversos, como identidade de gênero, raça, classe, orientação sexual. Quando essas vozes se encontram, criam um espaço de diálogo rico e multifacetado, ganham coro e podem ecoar, ultrapassando múltiplas escalas, nos tempos presente e futuro. Além disso, concordamos com Campello (2003) quando ela afirma que:

A apresentação de trabalhos em encontros constitui a oportunidade que o pesquisador tem de ver seu trabalho avaliado pelos pares ou colegas, de forma mais ampla(...). A apresentação oral do trabalho no encontro tem a vantagem de possibilitar que críticas e sugestões sejam feitas na hora, de forma a permitir uma retroalimentação instantânea, podendo envolver vários pontos de vista. A possibilidade de se comunicar pessoalmente com seus pares é de fundamental importância para o cientista, constituindo uma das maiores motivações para seu comparecimento a eventos, e a impossibilidade de participar pode trazer uma sensação de isolamento e frustração.

Nesse sentido, estar entre pares que abordam uma temática ainda pouco difundida dentro da Geografia brasileira nos fortalece e nos dá coragem para seguir enfrentando os desafios, que são imensos, tanto na escola quanto na academia. Nesse espaço de diálogo, a conexão das dores sentidas foi potencializada pelo encontro de professoras/es e pesquisadoras/es empenhadas/os na mudança através dos seus corpos.

As pessoas que participaram do EDP são marcadas por questões de gênero e sexualidade, entrelaçando identidades e experiências numa territorialidade de enfrentamento das opressões historicamente criadas e, ao mesmo tempo, de cuidado, consigo e com os outros, como se a responsabilidade por essa discussão recaísse apenas sobre determinados grupos sociais oprimidos. Houve uma predominância de mulheres, totalizando dez, e dois homens de sexualidade dissidente. Isso é bastante sintomático, visto que este não parece ser um espaço de interesse para homens heterossexuais, seja para frequentar ou para pesquisar em relação à educação. No caso das mulheres, a orientação sexual não marca a sua presença

nesses espaços, na medida em que é também um ambiente de cuidado, normalmente caracterizado pela presença feminina.

As apresentações dos trabalhos ressaltam a relevância de explorar essas temáticas no ensino de Geografia, abordando as desigualdades sociais que, por sua vez, são caracterizadas também por disparidades de gênero. Essa abordagem se estende de maneira mais ampla ao ambiente escolar, considerando sua marcante influência em várias dimensões sociais e educacionais.

As duas manhãs de discussão foram divididas da seguinte forma: na primeira, o grupo se apresentou e cada participante falou sua origem e seus vínculos institucionais. Foi possível perceber um pouco da diversidade do grupo nessa ocasião, abrangendo as cinco regiões. Éramos provenientes de lugares diversos, com sotaques diferentes, o que trouxe uma conotação interessante para o debate.

A ordem das apresentações não seguiu o transcrito da lista e tampouco foi formatada obedecendo à marcação de tempo. Era pulsante saber que, seja em Goiás ou no Pará, no Rio de Janeiro ou em Recife, no interior do Ceará ou no interior do Paraná, havia ali pessoas trazendo vivências que circulavam em espaços das escolas e nos seus corpos. Os trabalhos apresentados, as experiências, ao mesmo tempo que mobilizaram esses/as sujeitos/as, professoras/es falantes, eram mobilizadas pelo modo como cada um/a se porta nos espaços e suas sensibilidades e suas opções como docentes.

A motivação de todas e todos era uníssona: corpos moldados por aspectos diversos, como a maternidade, a pluralidade de gênero e o acolhimento às demandas de estudantes que vivem o cotidiano da escola e trazem suas necessidades na experiência diária desse espaço. Ora, como decidir qual banheiro usar quando os espaços estão

organizados normativamente? Como acolher um estudante em processo de reconhecimento da sua identidade de gênero? Quem realiza o trabalho de cuidado nas casas, na escola e na sociedade?

Um dos trabalhos apresentados foi «Minha mãe é uma escrava»: igualdade de gênero numa escola pública», por Rusvênia Luiza Batista Rodrigues da Silva, que provocou estudantes a desempenharem o trabalho doméstico realizado pelas mães e/ou mulheres responsáveis por elas/es, ao longo de uma semana, produzindo a partir disso um diário dessa experiência. A proposta gerou muita repercussão na escola e nas casas: a reação das famílias; o olhar dos/as estudantes acerca da própria vivência, um sem-fim de situações foram mobilizadas nessa prática, culminando numa exposição realizada pelas/os participantes sobre as sensações e afetos instigados.

O trabalho intitulado «Geografia e Gênero: O uso de podcast como alternativa didática para enfrentamento das desigualdades», de Maysa Aparecida Goronsk, foi desenvolvido nas suas turmas de anos finais do ensino fundamental. As/os estudantes produziram o podcast «Pod Mulherar o Mundo», disponível em plataformas digitais, que apresenta a biografia de mulheres inspiradoras desde a escala local, da comunidade, como Dona Ita, até a global, como Angela Davis.

No bojo desses afetos, o trabalho «Espacializando a violência na sala de aula e TRANSformar o espaço escolar: a importância de trabalhar as pluralidades de gênero e sexualidade dentro e fora da sala de aula», apresentado por Vivian Barros Reis, trouxe exemplos de como a temática posta extravasa a escola para além de seus muros. Colocando a história de um estudante que não se reconhecia

no seu corpo de menina como ponto de partida para discussões de como a escola deve intervir para a proteção da vida de jovens que vivenciam identidades de gênero dissidentes.

Partindo de uma demanda muito específica e aparentemente individual, o trabalho trouxe à tona a demanda de um indivíduo, em que reside um poder mobilizador, que interfere em questões mais amplas de todo corpo escolar. E a professora Vivian, com muito afeto e respeito, nos apresentou essa realidade e as possibilidades de sua transformação.

Protagonismo também está presente na reflexão do «Meu corpo como espaço político: um projeto de extensão que aborda questões de gênero na escola», da professora Mariana Rabêlo Valença, onde foram apresentadas algumas alternativas para levar, através da extensão universitária, a discussão de gênero a escolas públicas de Pernambuco. As atividades são as mais diversas, como oficinas, minicursos, rodas de conversa, clube do livro, cineclubes, voltados a docentes e discentes da educação básica, nos formatos virtual e presencial.

Duas experiências semelhantes foram compartilhadas. Uma ocorreu numa instituição de ensino pública do Pará e a outra, na Bahia. Foram, respectivamente, os trabalhos «CORPO E ENSINO: uma análise da imersão do debate de gênero e sexualidade na formação docente em Geografia de uma instituição pública do Pará», do professor Pedro Israel Mota Pinto; e «Gênero e Sexualidade no Ambiente Escolar: Um olhar sobre o Colégio Estadual Dr. Roberto Santos/Poções/Bahia/Brasil», apresentado por Lauro do Carmo Pereira, estudante de graduação.

Em ambos os casos, emergiram a discussão de gênero e sexualidade na escola, também com educadores e futuros educadores, temas que suscitam muitas narrativas e dúvidas. Sentimos que, ao mesmo tempo em que estamos «talhando o campo», somos convocados a «jogar e apitar o jogo»: as terminologias, a localização dos conceitos, a questão do direito de ser e ser respeitada/o, todo esse conjunto de questões perpassa a realidade no tratamento desses temas na escola.

Através do «Laboratório de Relações Étnico-Raciais e de Gênero na Escola: um relato de experiência a partir das oficinas pedagógicas realizadas no Colégio Estadual Melchíades Picanço no município de São Gonçalo- RJ», exposto por Marcella de Souza Machado, a interseccionalidade e as questões étnico-raciais aparecem no EDP. Percebemos que o debate se abriu a essa dimensão, que merecia maior atenção.

Entendemos que somos o que está definido pela geógrafa Joseli Maria Silva como “Geografias Subversivas” (2009), o que Pierre Bourdieu também chamou, de outro modo, de objeto ignóbil, para falar de objetos pouco trabalhados ou pouco estudados em um campo científico. Isso posto, nesse EDP circulava muito o tema da violência escolar - citado especificamente em um trabalho, mas mencionado em quase todos os relatos, por meio da violência psicológica sofrida por determinados corpos.

São tantas as violências provocadas pelas questões étnico-raciais e de gênero que, de muitas maneiras, caminham juntas. Numa realidade escolar em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, ou no interior do Paraná, estudantes tiveram no coletivo de professoras/es, que apresentaram suas pesquisas/práticas, um espaço de escuta,

acolhimento e luta por seus direitos. Afinal, se a ciência e a educação são cisheteronormativas, brancas e masculinas, as fissuras que se abrem e se esgarçam mostram que os grupos subordinados são ativos e exercem um contramovimento, reagem à ordem das coisas, se colocam no bojo e nas reentrâncias.

Por fim, os trabalhos «Espacializando a violência na sala de aula», de Emilly Nantes Ferreira, e «Gênero e sexualidade – educação geográfica: a urgência da inserção dessas temáticas nas políticas curriculares», das professoras Renata da Silva Barbosa e Clesley Maria Tavares do Nascimento, expuseram como as dinâmicas escolares podem ser nocivas, em muitos aspectos, pela falta de abertura ao diálogo, pela construção violenta de uma sociedade, e como isso gera dúvidas e incertezas a profissionais da educação, no que tange a formação cidadã de estudantes, para o tratamento desses aspectos.

As experiências apresentadas no EDP foram amplamente debatidas por todas as pessoas envolvidas, reforçando a ideia de que esses assuntos são relevantes para a vida cotidiana e, portanto, devem ser abordados nas escolas como uma medida para combater a violência e as desigualdades. Adicionalmente, como disciplina no âmbito das ciências humanas e sociais, a Geografia deve incorporar essas questões de gênero e sexualidade que permeiam a sociedade e produzem desigualdades, que tem implicações espaciais.

Compreendemos que a promoção dessas discussões na educação básica representa um compromisso com a mudança e é uma ferramenta essencial com relevância social e política. Isso se deve ao fato de que põem em relevo as desigualdades existentes nas relações de gênero, que estão intrinsecamente ligadas às dinâmicas de poder.

Considerações Finais

Para que possamos promover ainda mais a abertura do debate, esse encontro entre pesquisadoras/es e docentes dissidentes ousou discutir um assunto caro, tanto pela escassez do debate quanto pelos atravessamentos políticos, sociais e pessoais que hoje ocorrem ao trabalhar as questões de gênero e sexualidade, especificamente no chão da escola. Entretanto, entendemos que não há como não dialogar e relacionar tais esferas, uma vez que essa ausência deixou lacunas violentas nos posicionamentos e localizações geográficas tomadas por estas e este escritor, devido a, em tantos momentos, dificuldade de compreensão de suas próprias existências, nessa realidade.

Esta discussão aqui não apenas destaca a necessidade, mas também demonstra a viabilidade de incorporar essas questões no currículo escolar. Nesse contexto, é crucial que professoras/es em serviço ou em formação participem dessas discussões, para adquirir competências relacionadas ao entendimento de questões de gênero e sexualidade, capacitando-se para lidar com os desafios contemporâneos.

Dessa maneira, essa abordagem se configura como uma ferramenta para atenuar as desigualdades historicamente e culturalmente produzidas, visando contribuir para uma sociedade mais equitativa, justa e menos propensa à violência. Isso se aplica tanto ao ambiente escolar quanto à educação no âmbito escolar ou familiar, promovendo uma abordagem aberta e inclusiva, livre de imposições e exclusões, que não restrinja as possibilidades de ser e

estar no mundo. Almeja-se uma educação que busque efetivar transformações, seja inclusiva, plural e alinhada com os princípios da democracia.

As propostas deste EDP apresentadas na plenária final do evento esboçaram isso: a provocação da Associação dos Geógrafos Brasileiros-AGB enquanto entidade de representação da Geografia nacional na construção de um GT permanente, incluindo pessoas trans, mães e de sexualidades dissidentes no seus espaços institucionais e de poder. A ciranda infantil como compromisso que garanta a participação de mães pesquisadoras nos eventos, além de uma provocação dos cursos de Geografia pelo Brasil afora com abordagens de temáticas que coloquem o gênero e a sexualidade nas instâncias de debate, nos conteúdos curriculares.

As trocas de experiências no EDP reforçam que corpos dissidentes se espacializam e se comportam durante suas vivências, de acordo com as suas expressividades de gênero e sexualidade. Através dos conflitos que seus corpos possibilitaram e pulando as estatísticas da morte, sobreviveram para contar os apontamentos, as ressignificações que suas corporalidades demarcaram no tempo e espaço da dor e da sobrevivência.

Referências

AHMED, Sara. **Queer phenomenology**: orientations, objects, others. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.

ALMEIDA, J. S. DE. (2013) As relações de poder nas desigualdades de gênero na educação e na sociedade. In: **Série Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, n. 31, p. 165 - 181.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**. 2011, v. 19, n. 2, p. 549-559. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 01 mar. 2022.

BORTOLINI, Alexandre. **Pode falar de gênero na escola?** In.: PINHEIRO, Diógenes; REIS, Cláudia. Quando LGBTs invadem a escola e o mundo do trabalho. 2 Editora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo.** In: **O Corpo Educado**. 4 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Editora José Olympio, 2018.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDON, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. 319p. - (Aprender)

MOREIRA, Carlos André Gayer. **Geografias QUEER e Currículo: por uma educação geográfica fora do armário.** 2020.

LAN, Diana. Violencia de género, circuitos espaciales y micromachismos In: **Diálogos ibero-latino-americanos sobre geografias feministas e das sexualidades.** Ponta Grossa: Toda palavra, 2017.

LAN, Diana. Género y territorio: la violencia doméstica en espacios de vulnerabilidad y exclusión social - notas a partir de um caso en Argentina. In: **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

LAVINAS, Lena. (1991) Gênero, cidadania e adolescência. In: **Quem mandou nascer mulher?** Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997. p. 11-43. LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Ática.

LINS, Beatriz Accioly; Machado, Bernardo Fonseca & ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais:** a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. *In:* LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O Corpo Educado**. 4 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 9-42.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p.

SANTOS, Felipe Eduardo Melo dos; SANTOS, Adir Felipe Silva; Silva, Cintia Cristina Lisboa da; SILVA, Joseli Maria. **GÊNERO E JUVENTUDES: ANÁLISE DA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA BRASILEIRA**. 8º Colóquio Mulher e Sociedade. 2023.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *In:* SANTOS, Milton; BECKER, Bertha (org.). **Território, territórios:** ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2002.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. 2009.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. CASA, CORPO E AMOR: desafios à imaginação geográfica no Brasil em tempos de pandemia. *In:* Georgiane Garabely Heil Vázquez, Joseli Maria Silva, Karina Janz Woitowicz (organizadoras). Já sai da sala me sentindo doído. Vivências de mulheres no tempo e espaço da pandemia de Covid-19: Perspectivas transnacionais – Curitiba: CRV, 2021. p. 45-70.

TORRES, Marcos Antonio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Submetido em: 25 de setembro de 2023

Devolvido para revisão em: 05 de novembro de 2023

Aprovado em: 18 de novembro de 2023

DOI10.62516/terra_livre.2023.3176

COMO CITAR :

LUIZA B. R. DA SILVA, R.; RABÊLO VALENÇA, M.; ISRAEL MOTA PINTO, P. Fazendo gênero no chão da escola: reflexões a partir do EDP Gênero, Sexualidade e Diversidade na escola, no X Fala Professor(a). **Terra Livre**, São Paulo, ano 38, v.1, n. 60, jan-jun 2023, p. 611-633. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3176>. Acesso em: dia/mês/ano.